



Susana Santos Silva é a sua própria partitura

The Ocean Inside a Stone confirma a trompetista como uma das principais figuras europeias do jazz e da música improvisada



Uma trompetista sempre em fuga

É noite de sexta-feira, a plateia está cheia e suspensa na escuta de uma *big band* de 12 elementos que, em palco, vai encadeando temas que desafiam com invenção o habitual repertório deste tipo de formações. O concerto desliza sem atropelos, com suficientes momentos de chispa criativa a soltar-se dos solos com que os músicos, como é habitual neste tipo de formações, reclamam o calor das luzes e aproveitam para furar o som colectivo e se expressar de forma mais livre. O público aplaude cada intervenção com entusiasmo, mas há algo de especialmente desconcertante quando o grupo dá descanso à partitura e Susana Santos Silva protagoniza o seu solo de trompete. O Coreto Porta-Jazz, no Teatro Rivoli, interpreta uma composição do companheiro da trompetista, o músico sueco Torbjörn Zetterberg, e embora a base do tema continue a servir de tapete aquilo que acontece em palco, a sensação é a de que, devido a uma qualquer interferência ou curto-circuito musical, o jogo mudou e passámos, por momentos, para uma outra dimensão.

Com espaço limitado, dentro de um tema que não deixa de estar presente, a trompete coloca um pauzinho na engrenagem, quase protagoniza um acto de sabotagem, mas que mais não é do que uma assunção plena do que aqueles breves momentos devem significar – um espaço de liberdade individual. E essa liberdade, Susana reclama-a sem alarido, limitando-se a que o seu contributo, de súbito, desloque o centro da música, cavando o atalho para um mundo que jamais se imaginaria poder estar ao alcance de um desvio repentino.

É uma passagem discreta, mas elucidativa do lugar que Susana Santos Silva vem ocupando no panorama europeu do jazz contemporâneo ou da música improvisada: o de alguém que se esquivava às convenções, que transita entre a mais desregrada improvisação e as composições de mínima estrutura de acordo com uma mesma postura de quem está dentro mas se coloca quase de fora, de alguém que resiste a deixar que a música se torne um túmulo – no sentido em que quando se fixa, fatalmente morre. Mesmo entre os músicos que mais professam a liberdade nesta áera musical, a trompetista é um raro raio de liberdade. Porque até nas vanguardas, como é óbvio, existem regras, convenções e lugares seguros aos quais é difícil escapar.

No mesmo 10º Festival Porta-Jazz a que assistimos ao concerto do Coreto, Susana Santos Silva dará uma outra e maior prova deste lugar singular que soube escavar para si: a apresentação do segundo álbum do seu quinteto *Impermanence*, formação baptizada com uma palavra identifica por quem, com total lucidez, reconhece a matéria instável de que se faz a sua música. *The Ocean Inside a Stone* é uma demonstração extraordinária dessa coragem em não virar a cara às ideias e saber agarrá-las mesmo quando os códigos poderiam aconselhar a que

os riscos corridos fossem os habituais – e, portanto, uma negação do risco – e mais fáceis de colher louvores e aplauso.

Basta pensar no momento mais surpreendente do álbum. *The drums are singing or is it the trees* é um trecho-óvni que soa a uma súbita incursão na selva amazónica, durante o qual Susana Santos Silva e João Pedro Brandão enleiam voos de flautas um no outro, enquanto em fundo ouvimos uma percussão que poderia vir tanto de um Brasil hipnótico quanto de um Congo febril, ajudado ainda pelos qraqebs marroquinos essenciais ao transe do gnawa. “Gosto dessa linha, de estar ali frente ao precipício, a tentar não cair para o outro lado, como acontece com essa música africana – foi o nome que lhe demos entre nós – ou com a valsinha circense do disco”, reconhece a trompetista. “É quase um jogo de desafiar o equilíbrio e arriscar não cair. Tenho consciência desse risco, de soar *cheesy* ou outra coisa qualquer, mas é mesmo uma questão de assumir aquilo que sai.”

Ressuscitação

Impermanence tornou-se, a partir de 2015, o projecto que Susana Santos Silva elegeu como lugar para onde podia divergir as suas ideias de escrita musical. Numa altura em que a sua actividade avançava cada vez mais firme pela música improvisada, foi neste quinteto (acompanhada por com Zetterberg, João Pedro Brandão, Marcos Cavaleiro e Hugo Raro) que passou a explorar uma criação mais estruturada, ainda que feita de uma apaixonante qualidade líquida ou brumosa, como se não se deixasse apreender totalmente, como se fugisse sempre a fixar-se ou a mostrar-se com absoluta nitidez, transformando-se o tempo todo, vagueando de paisagem em paisagem.

Aos poucos, com a agenda internacional a não parar de crescer, a sua consequente e recente mudança de morada oficial para Estocolmo e a impossibilidade de continuar a responder ao exigente calendário de concertos da Orquestra Jazz de Matosinhos (onde fez boa parte da sua formação jazzística), *Impermanence* tornou-se também sinónimo de uma ligação umbilical à cena musical do Porto e da Porta-Jazz que Susana não quer cortar. Mas não tem sido simples. “É muito fácil deixar os projectos morrerem de morte natural”, reconhece, “porque não há muitos sítios onde tocar e é duro manter um grupo activo sem oportunidades de se tocar muito. E é tão difícil levar os projectos para fora de Portugal... São circunstâncias cíclicas – perde-se a energia porque é tudo tão difícil, deixa-se andar e isso leva a que se perca ainda mais energia.” Daí que, se agora a trompetista fala nesta apresentação do novo álbum no Porto com a importância de “manter esta ligação” à sua cidade, a uma comunidade de músicos que já conhece “há mais de 20 anos”, a verdade é que *Impermanence* era um

projecto meio adormecido quando foi seleccionado para se apresentar diante dos delegados internacionais da última European Jazz Conference, decorrida em Setembro de 2018, no Centro Cultural de Belém.


Essa ocasião havia de despertar o interesse de promotores e gerar alguns contactos que levaram o grupo até à Alemanha – outros não se efectivaram por questões financeiras –, mas o entusiasmo gerado em torno da actuação do grupo motivou “uma ressuscitação do projecto”. “Já tinha composto algumas coisinhas e depois, numa tarde, escrevi tudo em duas folhas A4, que são as nossas partituras, e o disco nasceu assim, muito espontaneamente”, descreve. Pode parecer demasiado aleatório ou leviano, mas não é. Até porque no seu percurso já aprendeu que, nalgumas ocasiões, os músicos são a própria partitura. Foi essa uma das principais lições que colheu do quinteto *Life and Other Transient Storms*, um outro quinteto que montou em resposta a uma encomenda do festival *Tampere Jazz Happening*, e em que chamou para o seu lado Zetterberg, Lotte Anker, Sten Sandell e Jon Fält. A dispersão geográfica dos músicos acabou por inviabilizar a sua intenção inicial de escrever e ensaiar alguma música que carimbasse o grupo com o seu cunho pessoal. “Portanto assumi a situação, chegámos, encontrámo-nos os cinco pela primeira vez em palco e foi como foi. Reflectiu um pouco o nome da banda e os músicos que escolhi foram a partitura.”

Chegar aqui

Não se chega aqui por acaso nem se conquista toda a liberdade que Susana Santos Silva imprime na música sem um caminho duro e isento de mergulhos para fora de pé. Em 2010, quando gravou o seu disco de estreia, *Devil's Dress*, deixava já alguns sinais promissores, quer a nível da composição quer da busca pelo seu lugar enquanto trompetista, mas esse era ainda um álbum de alguma inocência, perfeitamente enquadrado com uma estética mais *mainstream* e incapaz de então antecipar o magnetismo cada vez maior operado pela música improvisada no percurso de Santos Silva. Dan Bilawsky, do site *All About Jazz*, escrevia então que “o trabalho de trompete de Silva cai algures entre Ron Miles e Ron Horton, com umas pitadas de Dave Douglas”. A surpresa vinha sobretudo do lado da diversidade de registos e de pequenos vislumbres de uma inquietude que podiam, afinal, não passar de assomos de afirmação e de faúlhas de rebeldia.

Em muito pouco tempo, no entanto, essa estética revelar-se-ia insuficiente para conter o turbilhão que estava a caminho. Os primeiros sinais apareceram logo nesse ano de 2011 quando a *Clean Feed* lançou o primeiro álbum do trio LAMA, *Oneiros*, resultado do encontro da trompetista em Roterdão com o contrabaixista Gonçalo Almeida e com o baterista Greg Smith. Era

“É quase um jogo de desafiar o equilíbrio e arriscar não cair. Tenho consciência desse risco, de soar *cheesy* ou outra coisa qualquer, mas é mesmo uma questão de assumir aquilo que sai”



Lança *The Ocean Inside a Stone*, álbum espantoso, cheio de revelações e que não se deixa fixar. Confirma a trompetista como uma das figuras europeias do jazz e da música contemporânea. Início fulgurante de um ano em que tocará ao lado de Anthony Braxton.

Gonçalo Frota

Su
sa
na
Santos
Silva

Susana Santos Silva esquiva-se às convenções, transita entre a mais desregrada improvisação e as composições de mínima estrutura de acordo com uma mesma postura de quem está dentro mas se coloca quase de fora, que resiste a deixar que a música se torne um túmulo



**The Ocean
Inside a Stone**
Susana Santos
Silva
Impermanence
Carimbo Porta-Jazz



► também consequência de uma insatisfação que a levava a procurar outras experiências musicais, ao deixar provisoriamente o Porto para frequentar um metrado em Jazz Performance na cidade holandesa, desbravando referências que dotava de outras ferramentas e de outros horizontes uma instrumentista que se formou e cresceu nas fileiras da Orquestra Jazz de Matosinhos. Essa passagem por Roterdão e a convivência com uma cena musical mais aberta do que em Portugal, que não a obrigava a fazer juras de fidelidade a uma cena *mainstream* ou a uma outra vanguardista, havia de mostrar-lhe que existia mesmo lugar para essa indefinição em que se sentia confortável: “Abriu-me portas e horizontes e, de repente, comecei a perceber que havia espaço para mim, que não era tolinha de todo”, dizia ao Ipsilon em 2015.

A experiência com os LAMA seria fundamental no percurso de Susana Santos Silva ao dar-lhe uma direcção que tinha buscado (e falhado descobrir) no centro e nos arrabaldes da música clássica, primeiro, e do jazz, depois. Foi na posse desse novo entendimento do que podia ser a sua música que, em 2013, Santos Silva e Torbjörn Zetterberg registaram em estúdio a primeiríssima vez em que tocavam juntos. *Almost Tomorrow*, o álbum que daí resultou, era música completamente sem rede, sem medo de nascer em queda livre, retrato a quente de duas pessoas a conhecerem-se e a descobrir-se através do diálogo sonoro que produziam.

Banda de rock

Toda essa experiência anterior havia de revelar-se determinante para a composição de *The Ocean Inside a Stone*, título do segundo álbum do quinteto Impermanence, lançado pelo Carimbo Porta-Jazz (ramo editorial da associação portuense). Embora a música do primeiro álbum deslizesse entre ambientes com uma fluidez invejável, com os solos a emergirem sem a sensação de que seguiam aquela regra estafada do jazz que manda tocar o tema e depois abrir as comportas dos solos para cada um puxar o protagonismo para si, concluindo de novo com o tema – um formato que “chateia profundamente” a trompetista –, desta vez Susana queria manter-se ainda mais ao largo de quaisquer estruturas. Nos concertos desse primeiro Impermanence, compara, os músicos ficaram “algo presos nas estruturas e foi difícil sair delas”. “Ao vivo havia sempre momentos completamente improvisados, podíamos fazer o que quiséssemos, mas esses momentos eram mais individuais. Agora queria que fosse tudo mais livre e flexível.”

The Ocean Inside a Stone não tem praticamente momentos desses, em que o grupo prepara o solo de um dos seus elementos. É um álbum que se ouve sempre num fôlego colectivo, seguindo até mais “a ideia de uma banda de rock”, acredita Susana. Tanto assim que terá

perguntado algumas vezes aos seus companheiros: “Isto é fixe para vocês? É que não há assim grandes espaços para cada um brilhar, a ideia é mesmo que seja um todo.” E isso será talvez aquilo que existia de mais sólido nas suas intenções musicais. “O disco não é muito conceptual, no sentido em que não tenho um fio condutor muito concreto de música para música. São ideias que me saem espontânea e instantaneamente, não penso nelas muito tempo, não penso na tradução para o papel. São fruto de todas as minhas influências, mas não é algo pensado, estudado ou planeado. Às vezes, tenho apenas um motivo pequenino e depois com a banda chegamos a forma viável de transformar aquilo em música.”

Onde outros músicos cederiam seguramente à tentação de pegar nessas pistas e trabalhá-las até lhes dar uma forma e uma estrutura muito específicas, Susana prefere usá-las como zonas definidas por onde a música tem de passar, ainda que o trajeto entre dois pontos não tenha de obedecer a nenhuma decisão prévia – como um mapa que mostra o ponto de partida e o de chegada, mas que oculta tudo aquilo que existe no meio. Basta perceber o que se passa ao longo dos 11 minutos de *Expanded life*, tema de abertura: depois de começar com uma linha de baixo eléctrico que poderia servir a uma banda de *shoegaze* e uma bateria que o acompanha num andamento completamente diferente – uma secção rítmica que avança com passadas desacertadas –, ao qual se juntam trompete e saxofone com o tal pauzinho na engrenagem traduzível em dissonâncias que colidem maravilhosamente com o resto, e teclados em delírio desabrido, tudo resvala para uma secção minimal, desossada pouco depois até perder todo o esqueleto, e se extinguir numa zona etérea. Ou seja, as partículas de estrutura dão substância às criações de Susana Santos Silva, mas vão e vêm, aparecem e diluem-se noutras ideias, sem movimentos bruscos, simplesmente aceitando uma condição de transformação permanente.

The Ocean Inside a Stone está cheio destas revelações, de uma música, como dizíamos antes, que se mostra e ao mesmo tempo se evade. *Wanderhopes* é exemplo de uma fuga permanente, mas quando parece que o disco está a aventurar-se por terras sobretudo abstractas, o tema título ergue-se a partir de escombros sonoros para primeiro montar uma sequência melódica de uma beleza progressivamente mais onírica que, pouco depois, desemboca numa magnífica valsa circense. Impermanence é, por isso, terreno tanto para a música improvisada e livre a que Santos Silva se dedica habitualmente quanto para estas eclosões de ordem elegante mas imperfeita, que podem alongar-se por 11 minutos e criar relações entre diferentes e imprevisíveis secções, mas também cumprir-se enquanto apontamento pianístico de minuto e meio. Em ambas as situações, no entanto, há ambientes que Susana sabe querer explorar com

maior ou menor rigor. No caso de *The past yet to come*, essa curta peça para piano com ecos de Ligeti, Susana “ouvia exactamente o ataque e a duração de cada nota”.

Um par de temas adiante, o álbum termina com *The healer*, beleza ascensional em estado puro, aparentada dos projectos de Giovanni Di Domenico (entre os quais Oba Loba, partilhado com Norberto Lobo).

Uma cerejinha chamada Braxton

Entre as poucas certezas com que Susana Santos Silva partiu para o novo álbum contava-se a vontade de trazer a electrónica para a música. A materialização dessa ideia acabou por surgir sob a forma do baixo eléctrico de Zetterberg e do sintetizador de Hugo Raro, que não acrescentando aquilo que associamos de imediato ao uso de electrónica servem para “estender a paleta” sonora do quinteto. “Há muito que ando a interessar-me por electrónica, mas não é fácil entrar nesse mundo porque é muito confuso para mim. É gigante para quem está a começar e não sei em que direcção quero ir.” Com a trompete nas mãos, é mais fácil perceber o rumo. Mas foi unindo as duas pontas – o domínio da trompete a garantir-lhe o controlo da música enquanto tacteava o uso de plug-ins – que compôs a sua primeira peça electro-acústica, a solo, em resposta ao convite para integrar uma série de 20 discos em vinil a serem lançados pela editora belga Matière Mémoire, ao lado de outros 19 artistas ligados sobretudo à experimentação electrónica.

Será um dos novos registos a ter edição em 2020, a par da estreia discográfica do quarteto Hearth (partilhado com Kaja Draksler, Mette Rasmussen e Ada Rave), num ano em que andará pelos palcos com a Fire! Orchestra, a Orchestre National de Jazz francesa, com o sexteto de Torbjörn Zetterberg, a nova banda da guitarrista Hedvig Mollestad e mais uma incursão do quinteto Impermanence no exterior (Polónia). “Mas a minha cerejinha deste ano vai ser tocar com o [Anthony] Braxton”, entusiasma-se. Depois de um primeiro contacto com o lendário saxofonista norte-americano em que este elogiou o seu “som radiante” e lhe disse que haviam de tocar juntos – ela desvalorizou devido ao “forte sentido de comunidade” de Braxton, interpretando as suas palavras como incentivo –, a colaboração vai acontecer num trio que inclui ainda o acordeonista Adam Matlock, marcada para Oslo mas podendo estender-se a outras datas.

“Se não me portar bem vou ser linchada”, ri-se, ciente da responsabilidade e da impossibilidade de tocar as partituras de Braxton tal como ele as fixa no papel. Não haverá problema, certamente, uma vez que Susana Santos Silva nos tem mostrado ser a melhor intérprete de si mesma. Ela é, se escutarmos com atenção, a sua própria partitura.

“Não tenho um fio condutor de música para música. São ideias que me saem espontânea e instantaneamente. São fruto de todas as minhas influências, mas não é algo planeado”

